



A entrada em vigor do Tratado Continental Africano de Livre-Comércio, no próximo mês de Julho, criará um mercado de 1,2 bilião de consumidores no nosso continente, porém para o ministro da Indústria e Comércio de Moçambique, Ragendra de Sousa, o potencial é “criar agregados de *supplier side* (...) para exportar em simultâneo” de África para o mundo. Mais céptico Kekobad Patel, do sector privado, alertou que “se vamos abrir de qualquer maneira podemos ter problemas como tivemos com a integração na SADC (...) o vizinho mais forte entrou e matou toda indústria”.

O tratado, que tem como objetivo criar a maior zona de livre-comércio do mundo, completou no dia 30 de Abril o limiar legal ao ser ratificado por um mínimo de 22 nações, embora esse número já some 23 países incluindo Moçambique, África do Sul, Quênia ou o Egipto.

Na óptica do comissário do Comércio e Indústria da Comissão da União Africana (UA), Albert Muchanga, é “Marco histórico!”, “Celebramos o triunfo de um compromisso cego, pragmático e continental com a integração económica”, afirmou na sua conta na rede social Twitter onde anunciou que o tratado será ratificado no dia 7 de Julho, durante a Cimeira da UA que vai acontecer em Niamey, no Níger.

Na sua primeira fase operacional, o acordo de livre-comércio busca remover as tarifas de 90 por cento dos produtos de cada país, o que se espera possa impulsionar o comércio entre os países africanos, que hoje é cerca de 17 por cento do comércio total no continente, e depois estenderá aos serviços.

Moçambique que em 2018 gastou 6,1 biliões de Dólares norte-americanos em importação adquiriu 2,2 biliões da Ásia e 1,8 bilião de África, dos quais 1,6 bilião apenas da África do Sul. As importações de África além lá da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) totalizaram somente 46 milhões de Dólares norte-americanos.

No sentido contrário o nosso país realizou exportações no montante de 5,2 biliões de Dólares norte-americanos principalmente para a Ásia, 2,2 biliões particularmente para a Índia. Para

países africanos Moçambique exportou apenas 1 bilião de Dólares norte-americanos tendo como principal destino a África do Sul, as exportações para África fora da SADC cifraram-se em apenas 46 milhões de Dólares norte-americanos.

“Temos agora camiões barrados na África do Sul de ferro transformado em Moçambique, não faz nenhum sentido”

Questionado pelo @Verdade sobre o que Moçambique está a fazer no âmbito desta integração o ministro da Indústria e Comércio de Moçambique, Ragendra de Sousa, começou por tentar dar uma lição de economia: “As economias não se fazem com discursos, elas fazem-se com fluxos de bens e serviços. A abertura e a saída do mercado único é uma ideia que é progressiva. Vamos voltar ao século passado, o fim da produção é o consumo, se o fim da produção é o consumo quem são os consumidores? São africanos, são europeus, são asiáticos”.

“O facto de já ter sido aberto, a grande vantagem é que faz das economias africanas procurarem complementaridade. Eu sou exportador de açúcar, a Suazilândia (agora Eswatini) também é, então nós somos competidores. Eu sou produtor de capulanas e a Tanzânia também. Então a abertura do mercado faz dar o primeiro passo da África perceber que para ter uma posição no mercado mundial tem que criar agregados de *supplier side*, em vez de Moçambique exportar caju sozinho tem que criar mecanismos para exportar em simultâneo com a Tanzânia e com a Zâmbia, é isto que o mercado comum africano tem que começar a fazer”, explicou Ragendra de Sousa.

Na perspectiva do ministro moçambicano, embora Moçambique ainda não tenha “comboio, não tenho estrada, não tenho avião mas tenho a cabeça para pensar e fazer agregados de *supplier side* que eu vá aos mercados consumidores com uma capacidade de ter preço mais favorável a todos”.

Escrito por {ga=aderito-caldeira}

Domingo, 16 Junho 2019 22:10 - Actualizado em Segunda, 17 Junho 2019 08:23

